



A GLORIA DO G.:.A.:.D.:.U.:.

JUNHO 1988

CARGOS E FUNÇÕES DA DICA

Presidente do Conselho
DIRETOR GERAL DA DICA
DIRETOR DE ADMINISTRAÇÃO
DIRETOR DE FINANÇAS
DIRETOR DE MARKETING
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS
DIRETOR DE RELACIONAMENTO
DIRETOR DE SERVIÇOS
DIRETOR DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO
DIRETOR DE TENDÊNCIAS
DIRETOR DE TRIBUTAÇÃO
DIRETOR DE VIGILÂNCIA
DIRETOR DE VENDA
DIRETOR DE QUALIDADE
DIRETOR DE PRODUÇÃO
DIRETOR DE LOGÍSTICA
DIRETOR DE INOVAÇÃO
DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO
DIRETOR DE GESTÃO DE RISCOS
DIRETOR DE COMPLIANCE
DIRETOR DE SUSTENTABILIDADE
DIRETOR DE SEGURANÇA
DIRETOR DE ÉTICA
DIRETOR DE GOVERNANÇA
DIRETOR DE REPUTAÇÃO
DIRETOR DE RISCO CIBERNETICO
DIRETOR DE RISCO CLIMATICO
DIRETOR DE RISCO SOCIAL
DIRETOR DE RISCO LEGAL
DIRETOR DE RISCO REPUTACIONAL
DIRETOR DE RISCO OPERACIONAL
DIRETOR DE RISCO TECNICO
DIRETOR DE RISCO DE TI
DIRETOR DE RISCO DE CREDITO
DIRETOR DE RISCO DE LIQUIDEZ
DIRETOR DE RISCO DE TAXA DE JUROS
DIRETOR DE RISCO DE CAMBIO
DIRETOR DE RISCO DE PRECO
DIRETOR DE RISCO DE CREDITO
DIRETOR DE RISCO DE LIQUIDEZ
DIRETOR DE RISCO DE TAXA DE JUROS
DIRETOR DE RISCO DE CAMBIO
DIRETOR DE RISCO DE PRECO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
DIRETOR GERAL DA DICA
DIRETOR DE ADMINISTRAÇÃO
DIRETOR DE FINANÇAS
DIRETOR DE MARKETING
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS
DIRETOR DE RELACIONAMENTO
DIRETOR DE SERVIÇOS
DIRETOR DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO
DIRETOR DE TENDÊNCIAS
DIRETOR DE TRIBUTAÇÃO
DIRETOR DE VIGILÂNCIA
DIRETOR DE VENDA
DIRETOR DE QUALIDADE
DIRETOR DE PRODUÇÃO
DIRETOR DE LOGÍSTICA
DIRETOR DE INOVAÇÃO
DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO
DIRETOR DE GESTÃO DE RISCOS
DIRETOR DE COMPLIANCE
DIRETOR DE SUSTENTABILIDADE
DIRETOR DE SEGURANÇA
DIRETOR DE ÉTICA
DIRETOR DE GOVERNANÇA
DIRETOR DE REPUTAÇÃO
DIRETOR DE RISCO CIBERNETICO
DIRETOR DE RISCO CLIMATICO
DIRETOR DE RISCO SOCIAL
DIRETOR DE RISCO LEGAL
DIRETOR DE RISCO OPERACIONAL
DIRETOR DE RISCO TECNICO
DIRETOR DE RISCO DE TI
DIRETOR DE RISCO DE CREDITO
DIRETOR DE RISCO DE LIQUIDEZ
DIRETOR DE RISCO DE TAXA DE JUROS
DIRETOR DE RISCO DE CAMBIO
DIRETOR DE RISCO DE PRECO

MENSAGEM DO VENERÁVEL

A PAZ

Por vários séculos vem se propagando esse espelo em geral ao relacionamento entre os homens, referindo-se a um estado ou condição. Mas o que é a Paz?

Para melhor entendimento do que é a paz, procuramos o conhecimento de tudo aquilo que ela não é. A ansiedade, esgotamento emocional, exacerbação, são entendidos como estados contrários à Paz, resumindo-se então em tranquilidade. Portanto é a negação daquilo que perturba o homem. Consequentemente não pode ser procurada em si mesma, pois é inteiramente abstrata, isto é subjetiva, ou seja experimentamos a Paz através dos efeitos em decorrência da emoção daquilo que perturbava. Muitas escolas filosóficas na Grécia antiga adotaram o hedonismo, onde o melhor da vida era o prazer. De acordo com os hedonistas, o ideal da vida era preencher cada momento com prazer.

Gautama Buda, no século "V", A.C. ensinou que o Nirvana é a meta final do homem.

Buda disse que toda a nossa existência sensível é uma combustão; a vida seria apenas energia comburentes. Se o homem extingue ou pelo menos controla seus desejos ardentes, experimentará o nirvana.

Os estóicos gregos também conceberam a Paz como um efeito negativo. Para eles a Paz pessoal era a ausência de desejos perturbadores e de paixões, ou seja, a alma humana precisa estar livre de desejos e paixões.

Assim proclamavam os estóicos "A emoção é um distúrbio da mente".

No judaísmo bem como no cristianismo as bênçãos de Paz estão relacionadas com a negação das adversidades que o homem enfrenta, principalmente da ansiedade e de preocupações e presságio sobre o futuro.

A Paz não tem qualidades positivas próprias, uma vez que sua identidade deriva da ausência de fatos indesejados.

Quando o homem começa a pensar em sociedade e em ordem social, a Paz adquire um novo significado, ou seja, uma qualidade específica

que haja amor como uma virtude universal"; atribuindo portanto uma qualidade positiva à Paz. Desta forma o amor foi declarado elemento principal da Paz, idealismo evidentemente frágil, uma vez que o amor é inerente a todas as ações humanas, bem como nem todos os homens são capazes de amar a mesma coisa ou com a mesma intensidade.

Conforme Santo Agostinho apregoou, aos que são fiéis ao credo cristão viverem, depois disso, em uma sociedade teocrática; uma sociedade organizada e regulada divinamente, havendo com isso uma qualidade definitiva, bem como um código de moral dogmático.

Neste mesmo aspecto não poderia levar à Paz Universal, seguramente porque todos os homens não submeteriam seu intelecto ou sua fé a uma única interpretação moral.

Consequentemente, Paz é algo que não pode ser procurado, é algo existente que existe apenas quando aquilo que o impede é eliminado.

Basicamente a Paz reduz-se ao conflito de dois aspectos do ser: a compulsão pessoal do ego e o sentido de justiça inclui o bem estar dos outros. Não haverá Paz enquanto a posse, o poder e a fama individual permanecerem como direitos ilimitados.

Portanto a Paz começa com atos de eliminação e não apenas pela conquista ou exposição de idealismo poético.

OSMAR AMORIM.

PÉROLAS DE SABEDORIA

"Felizes aqueles cuja tendência universal para a ascensão se traduz exclusivamente na aspiração à mais alta dignidade na vida, maior distinção nas maneiras, maior cultura de espírito, não por uma degradante ostentação de luxo frívolo, ou uma preocupação ridícula de relações sociais. A procura de honrarias nada tem de repressível, desde que elas correspondam a serviços reais. Porém, quanto mais se progride, mais se descobre o amargor das futilidades políticas. Cuidado com a ambição, a qual poderá vos fazer confundir o bem geral com os vossos interesses particulares. Há um motivo superior, muitos falam, poucos o conhecem. É o desejo absolutamente desinteressado de servir a vossos chefes e a vossos concidadãos."

PLEGIA CINQUENTENÁRIA

Esta poesia, da Lava do Dr. João Gomes Martins Filho, Juiz Federal aposentado, presidente de honra da Associação dos Juizes Federais do Brasil, foi apresentada em sessão da Associação dos Advogados com mais de 80 anos de militância, promovida pela seccional de São Paulo da Ordem dos Advogados do Brasil, e realizada em 27/05/48, na sessão nobre da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

MINHA TURMA

Meio século de existência!
Meio século de lutas!
De glórias e desencantos,
de vitórias e derrotas,
de mortes, sobrevivência.
Conquistas e desistências.
Revelações com intransigências.
Da nossa velha querência:
O pátio da faculdade,
as colunas, as arcadas,
corredores e salões.
As velhas salas de aula,
cátedras professorais,
cátedras, não! Catedrais.
Onde se revezam sonhos,
por horizontes risonhos.
Caminhos ensolarados
das "Veredas Tropicais"...
Estradas enluaradas,
onde, pelas madrugadas,
íamos de braços dados,
com as alegrias de lado,
e com as tristezas também.
Envolver na luz da aurora,
a nossa vida, lá fora.
Sorrindo, dizendo amém...
Eram assim nossos sonhos!
Como éramos bisonhos!
Cheios de fé e esperanças,
eram um bando de crianças,
vivendo a rotina calma,
plena de luz e de alma...
- nas mesas do Campo Belo,
no curso das Avenidas,
nas tardes do paulistano,
do Viaduto do Fazano,
Madame Bocos Leitão...

Ainda a vela, a canção!
O Chico Alves, Lemartine,
Os velhos Bengos, Cardel,
Da Pereira, o Minino,
Vêno e Iano, Paulo Quebedo...
Assim estávamos sonhando,
quando recebemos chegando,
como vindas do além,
a triste legião das noças,
das Sereias da Chapin.
Era a dura realidade,
da Guerra de Trinta e Dois,
que atirou a faculdade,
monolítica, virante:
para as clarões da realidade!
E na primeira batelha,
estava o Preizs agonizante...
e aí começaram as baixas...
enrolavam nossas faixas
cheias de cor e alegria,
dos tempos irresponsáveis,
dos trotes da Academia.
E fomos cantando aflitos
sufocando nossos gritos,
os que vinham caminhando,
e de repente, parando,
nos nossos olhos olhando,
foram virando saudade.
"Adios Muchachos
Companheiros de mi vida
Barra querida
De aquellos tiempos!..."
Mas a turma reagiu!
A turma de trinta e três,
grau colado em trinta e quatro
juntou os cecos da luta
(Que turma.....)
Meteu a cara no mundo,
lutou, perdeu e ganhou.
Fez grandes advogados,
banqueiros, delegados,
promotores, magistrados,
professores consagrados,
membros das Academias,
E para glória do País,
Só não fez o que não quiz!...
(Ou não deixaram fazer...)
Aqui está ela, senhores,
toda cheia de louvores,
pela vida que passou,
está passando e passará!
- É a mesma turma de sempre,
eclética e irreverente,
cheia de altos e baixos,
juristas pagando juros,

os baixos gritando alto,
os altos vítimas de assaltos,
os fazendeiros no asfalto,
e o direito na fazenda
federal e estadual...
É a terra toda etinal,
honrados pais de família,
deixando o Can-Can da luta,
que turra.....
Jogando nos intervalos,
das derrotas e vitórias,
tudo às patas dos cavalos!
Turra nessa, minha turra!...
Vamos gritar como outrora,
com calma, com fé, com raiva,
os sonhos e ideais de outrora,
os gritos da nossa terra,
os restos dos sonhos seus!
Vamos continuar lutando,
alguns rindo, outros chorando,
uns aos outros consolando,
caminhando, caminhando,
Ao som da Valsa do Adeus!...

PÉROLAS DE SABEDORIA

"A luta é um dever, quando não há outro meio de realizar o direito. Mas esta realização deve procurar sempre a pesquisa dos meios pacíficos. As guerras privadas já desapareceram; o duelo é visto como um prejulgado por aqueles que a ele se submetem. As revoluções se tornaram inúteis e odiosas pela extensão das liberdades públicas. A defesa armada da pátria permanece como uma obrigação sagrada. Todavia, se entrevê o dia abençoado em que o flagelo da guerra entre países há de desaparecer, que a humanidade será apenas uma nação e em que o direito reinará sobre a Terra. Deixai a vossa combatividade e dirigi-vos pra a cidade celeste predita pelos profetas, onde a paz há de reinar para sempre, entre os homens de boa vontade"

O DEPOIMENTO DO MAÇON AZUL PADRE BELCHIOR DE OLIVEIRA

Tito Lívio Ferreira
(Transcrição do Diário Secular de 14.11.80)

Ao instalar-se o Grande Oriente Brasileiro, no Rio de Janeiro, em 28 de Maio de 1822, é eleito Grão Mestre da Loja Maçônica José Bonifácio de Andrada e Silva, primeiro ministro do Reino do Brasil, o escolhido grande orador o padre Belchior Pinheiro de Oliveira, que se opõe à monarquia, elege o Maçon Vermelho, republicano. Cinco dias mais tarde, em dois de junho, José Bonifácio funda a Loja do Apostolado, da qual é Venerável. E onde o orador é Frei Francisco de Sampaio.

No momento de proclamar a independência do Reino do Brasil, na tarde de 7 de setembro de 1822, na colina do Ipiranga, o príncipe D. Pedro estava a seu lado o padre Belchior Pinheiro de Oliveira, seu secretário particular, sobrinho de José Bonifácio, Maçon azul, monarquista. Quatro anos mais tarde, em 1826, ele publicou no "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro, o seguinte: "O príncipe mandou-me ler alto as cartas trazidas por Paulo Brégaro e Antonio Cordeiro. Eram elas: uma instrução das Cortes (de Lisboa), uma carta de D. João (VI), outra da Princesa, outra de José Bonifácio, e ainda outra de Chamberlain, agente secreto do Príncipe (em Lisboa). As Cortes (de Lisboa) exigiam o regresso imediato do Príncipe, a prisão e o processo de José Bonifácio; a Princesa recomendava prudência e pedia que o Príncipe ouvisse os conselhos de seu ministro (José Bonifácio); José Bonifácio dizia ao Príncipe que só havia dois caminhos a seguir: partir para Portugal imediatamente e entregar-se prisioneiro das Cortes, como estava D. João VI, ou ficar e proclamar a Independência do Brasil, ficando seu Imperador ou Rei; Chamberlain informava que o partido de D. Miguel, em Portugal, estava vitorioso e que se falava abertamente na deserção de D. Pedro em favor de D. Miguel. D. João VI aconselhava ao filho obediência à lei portuguesa". (Cf. Tito Lívio Ferreira e Manoel Rodrigues Ferreira. "A Maçonaria na Independência Brasileira". 2 Vols. 2.º T-p. 225. São Paulo 1972 - 2ª. ed.).

Esse documento, assinado pelo maçon azul, padre Belchior Pinheiro de Oliveira informa como se operou na tarde de 7 de setembro de 1822, no topo da colina do Ipiranga, céu aberto, sem um tiro, a Independência do Reino Brasileiro. E na noite de 7 de Setembro de 1822, o governo de São Paulo ofereceu ao Príncipe D. Pedro um espetáculo de gala.

São do Cônego Januário da Cunha Barbosa estas palavras: "Filha da ciência e da caridade, fossem todas as instituições como tu, ó santa Maçonaria e os povos viveriam numa idade de ouro: Satanás não teria mais o que fazer na terra e Deus teria em cada homem um eleito". Por sua vez, o Padre Manoel Emídio Bernardes, iniciado na "Loja Amizade" em São Paulo, em 25 de novembro de 1832 declara: "A moral maçônica é toda santa e o Divino Mestre foi o mais fiel de seus adeptos". Nomes ilustres do clero brasileiro integraram o elenco social de Lojas Maçônicas.

Citemos os mais conhecidos: D. Manoel Rodrigues de Araújo, bispo do Rio de Janeiro, conde de Irajá, celebrante do casamento de D. Pedro II; D. J. J. da Cunha de Azevedo Coutinho, bispo de Pernambuco; frei Francisco de Mont'Alverne, o maior orador sacro brasileiro do século "XIX"; Monsenhor Joaquim Pinto de Campos; D. José Caetano, primeiro presidente da primeira Assembléia Constituinte e Legislativa do Império; frei Francisco de São Carlos, padre Diogo Antonio Feijó, regente do império; frei Joaquim do Amor Divino Caneca (Frei Caneca) e mais de uma

vintena de religiosos, entre outros, (Santos e Filhos, 190. José Maria Irmão. "A perseverança III e Sorocaba" vol. 10.) "Depois de saber que os raçãos viviam em senta pez com os páris locais. É público e notório entre as directorias das Instituições de Sorocaba e outros lugares da cidade de Sorocaba, que se encorajaram os de Sorocaba a fazerem a sua obra. Para que levou muitos anos, ao que se conta até 1811. Continuaram rezar diante pelas obras dos irmãos que iam deste ao outro Oriente. Pagavam-nos. Alguns padres até eram raçãos. Assim encorajamos o livro de matrícula da Instituição sob o no. 116 o seguinte/ 1869 Maio 7. Padre João de São João, natural da cidade de Sorocaba, filho de João de São João e Maria de São João, idade 35 anos. Foi iniciado em Sorocaba, no dia 8 de abril de 1869, no grau 1o. da Instituição Apostólica Romana. Foi iniciado. Recebeu o grau 1o. no dia 8 de maio de 1859. Sob o no. 138". "1863, Dez. 5. Padre Francisco de Assunção, natural de Cotia, residente no vale do Campo Largo. Idade 35 anos. de religião Católica Apostólica Romana. Foi iniciado na cidade de Sorocaba, no dia 8 de abril de 1863, no grau 1o. da Instituição Apostólica Romana. Foi iniciado. Recebeu o grau 1o. no dia 8 de maio de 1859. Sob o no. 155". "1868 fev. 8. Padre João Batista Arrojo, brasileiro, natural de Taubaté, vigário de Alambari, de 32 anos, religião católica, apostólica romana. Recebeu o grau 3 nesse mesmo dia. Sob no. 217". "1876, Julho 25. Francisco José Seródio, 35 anos, natural de Portugal. Vigário da Paróquia de Santa Bárbara do Rio Preto. Foi iniciado em grau de aprendiz, sendo em seguida levado e colado nos graus 2o. e 3o. com dispensa de interstício por ser morador distante deste vale. Religião católica, apostólica, romana. Sob. o no. 133". "1863 Janeiro 4. Padre Joaquim D'Andrade, natural de Sta. Isabel e residente atualmente nesta como pároco. idade 36 anos e de R. católica, ap. foi iniciado a 8 de abril de 1862 em loja como consta da prancha dos trabalhos desse dia. Recebe o grau 3o. a 16 de outubro do mesmo ano". (Cf. José Aleixo Irmão. "A perseverança II e Sorocaba", ps 111/112.1969).

FÉROLAS DE SABEDORIA

"O homem que triunfou das tentações sensuais engrandece suas faculdades mentais. Deus lhe dá a luz na proporção dos seus méritos e o admite progressivamente a penetrar, nesta vida, nos mais profundos mistérios da natureza. Aquele, ao contrário, que sucumbe às seduções da carne, cai, pouco a pouco, sob as leis fatais que regem os elementos e, tornando-se sua presa, se entrega à ignorância perpétua, que é a morte do espírito. - Bem-aventurados os filhos da Terra, que têm conservado pura a imagem da perfeição suprema e que não se escondem sob o véu das ínfimas concupiscências. Quando chegar para eles a hora de deixar este mundo, seus corpos voltarão ao domínio da matéria, mas os espíritos libertos destes bagaços usados pelo tempo, se elevarão nas sete esferas concêntricas que envolvem o sistema terrestre" Hermes Trimegisto.

NÓS, MAÇONS PARA HOJE

Luiz Carlos de Jesus

Amados irmãos desta sublime Ordem da qual tenho a honra de pertencer, dissertarei sobre o tema supra mencionado.

Sabemos que não é fácil entender o que se espera de nós, maçons para hoje, depois de ler nos Sinais cinco itens idealizados pelos membros de nossa sublime instituição e as virtudes que deveros ter, e, para explicá-las, lançamos mãos da fabulação que se segue:

- 1 - Ter a força de uma águia;
- 2 - Ter a graça de um cisne;
- 3 - Ter a gentileza de uma pomba;
- 4 - Ter a familiaridade de um pardal;
- 5 - Ter a vigilância de uma corujã;

Mas, diz-nos o ritual que quando conseguimos apanhar esse "pássaro fabuloso", isto é, alcançar todas as virtudes ali escritas, espera-se que vivamos com a comidinha de um canário. Entretanto, em nosso tema, nós, maçons para hoje, precisamos saber desde já que "sobre ninguém imponhas, precipitadamente as mãos". (Livro da Lei, I, Timóteo 5:22.)

Não é verdade que muitas vezes por uns tantos sinais equívocos não se deita o "óleo da unção" a cabeça daquele que Deus não escolheu? (Cf. Livro da Lei - Salmos.) - quantos irmãos que não vivem em união.

A nosso ver, duas coisas devem preceder à imposição das mãos:

- 1 - É mister que haja uma absoluta certeza da divina chamada;
- 2 - É necessário que haja uma divina preparação para o exercício dessa chamada. Essa preparação variará segundo a pessoa e os propósitos com que a G.:A.:D.:U.: a tenha chamado; mas, seja como for, é indispensável esta preparação. A propósito, o apóstolo Paulo, chamado desde o ventre para o ministério e doutor da gentileza, não pode entrar no exercício de sua vocação, senão depois de três anos de reconhecimento e preparo espiritual nos ermos da Arábia.

Verifica-se, pois, que a divina chamada é interior; mas, assim como se distingue o lobo vestido de ovelha, distingue-se também o verdadeiro maçom daquele que não é, pelas suas obras.

Não se colhem uvas de espinheiros, nem figos dos abrolhos. Há um fruto característico daquele que é interiormente chamado para os mistérios do santuário maçônico. Ele se há de revelar, cedo ou tarde, porque as labaredas do Altíssimo ardem em seu peito, como diz o Ritual de Aprendiz.

Vivemos em um momento histórico muito especial! A construção de um mundo melhor, mais humano e mais justo. Em certo sentido, a frase mencionada é por demais ousada. Como ousar classificar de especial o momento próprio em que se está vivendo? Como pode ter perspectiva para julgar acontecimentos de que se participa e, portanto, que não podem ser encarados como completos e terminados, com suas consequências conhecidas? Por outro lado, a frase pode parecer, até mesmo tola: na divina providência do G.:A.:D.:U.: não são todos os momentos importantes? Não pode cada geração dizer o mesmo a respeito de seu próprio tempo?

Sim, é verdade. Mas, também todos sabemos que há na história momentos críticos, e o G.:A.:D.:U.: pode dar-nos a possibilidade de discerni-los. Não era outra, aliás, a missão dos iniciados de Salomão. A providência divina age nos tempos e suscita homens como Moisés e Jesus,

para declarar aos contemporâneos o sentido daquilo que os fez e está fazendo através da Sua Palavra.

Restava-nos tirar eficiência de que vivemos em momento de transição e que existia a possibilidade de regiões que vivam o dia de hoje sem fugir daquilo que professaram no dia da sua iniciação.

Para tanto, a primeira coisa que nós, maçons para hoje, temos que fazer é nortear-nos pelos princípios básicos nos quais se baseiam os justos.

As regiões distantes pedem de vista para nós os valores de moral e da verdade e procuram leis não se deixar, já que não a determinam como única regra de fé e prática. Não julgamos que a adoção de qualquer pensamento seja compatível, com o espírito maçônico. Métodos são aplicáveis e adaptados, mas doutrinas não mudam. Cremas no ensino do Novo Testamento e nos ensinos de nossos rituais, não queremos alterá-los em circunstâncias, porque são para nós, completos e parciais, e não nos interessa as novas orientações que o mundo apresenta.

Outro princípio maçônico, diz que a Maçonaria é composta por Iir.: iniciados em nossos sublimes mistérios.

Os rituais mostram que a iniciação é o símbolo da morte do profano para o mundo e da vida nova para o G.:A.:D.:U.: a iniciação é aplicada aos que crêem (Livro da Lei - Atos 8:36-38), não devendo ser iniciados as crianças que não podem crer ainda. E se salvação é pela Fé (Efesios 2:28), já se vê que a iniciação não salva, mas dá testemunho de coragem. Portanto, a Loja deve ser composta de maçons que já testemunharam da sua coragem e se submeteram à ordenança da iniciação.

Um outro princípio é o do sacerdócio de cada maçom; com isso não quer dizer que há necessidade de existir maçom especial, mas sim propugnar pela autonomia do ser humano, isto é, ter leis próprias; liberdade - independência moral ou intelectual - e escolher as leis que regem a conduta da humanidade.

Logo, autonomia pressupõe consciência e responsabilidade.

Os maçons aceitam e defendem a liberdade religiosa, o que vem desde o princípio do seu trabalho na Inglaterra, nos Estados Unidos, no Brasil, e em qualquer lugar. Aliás, pelas atividades dos maçons é que se tornou característica da Constituição Americana, aquele ítem sobre a liberdade religiosa. Realmente, cremos que o livro da Lei dá oportunidade a todos se orientarem religiosamente, falando, conforme determina a sua própria consciência, ninguém pode ser obrigado a servir a G.:A.:D.:U.:

Ao lado da liberdade religiosa está mais um princípio, caracteristicamente maçônico, que é o da separação entre Igreja e Estado.

A História tem comprovado que a união entre Igreja e Estado só traz prejuízos para a humanidade. Notamos isto tanto na Igreja Romana quanto nas Reformadas no Século "XVI". É natural que governantes civis não devam atuar em assunto religioso como líderes eclesiásticos não devem agir no governo civil em nome da Igreja. "A César, deve ser dado, o que é de César e a Deus o que é de Deus". Nesta separação entre o Senhor e o Religioso, entendemos que o Estado não tem direito de interferir nas práticas e crenças religiosas do indivíduo e congregações, como também as igrejas ou congregações não têm direito de serem sustentadas pelo Estado. Todos esses princípios são básicos para os maçons e deles não queremos afastar-nos, pois os consideramos indispensáveis à prática da verdadeira maçonaria.

Sejamos maçons para hoje, mantendo os nossos princípios nos trabalhos em Loja, ou fora dela, não aderindo ao culto emocional do barulho, o culto do corpo, ao culto sensual, mantendo os nossos

princípios na Ceia do Senhor (não Santa Ceia) como memorial, não a Ceia Eucarística Livre, da qual participa quem quer e do jeito que estiver, mas "faça-se tudo com decência e ordem". (I Coríntios 14:40).

A segunda coisa que nós, maçons para hoje, temos que ter é a mente equipada. Os gregos tinham três grandes palavras que descreviam três grandes qualidades da mente, e se um homem possuísse estas três qualidades teria uma mente equipada. Os escritores do Novo Testamento adotaram estas três grandes palavras, porque tinham certeza de que as possuíam que diziam: "sabedoria", "prudência" e "união". A primeira destas é Sophia. Sophia é qual uma verdadeira sabedoria, não a sabedoria que ilusória é a sabedoria das coisas ulteriores. Os escritores gregos tinham grandes definições de Sophia. A definição mais comum é que Sophia é o conhecimento das coisas tanto humanas, quanto divinas e das suas causas. Para os gregos, Sophia, sabedoria, bondade e nobreza são as mesmas, nenhuma delas pode existir sem as demais.

A segunda palavra é Phronesis, usualmente traduzida por prudência. A diferença básica entre Sophia e Phronesis é que Sophia é teórica, e Phronesis é prática: Sophia tem haver com a mente e o pensamento do homem, Phronesis (Prudência) tem haver com sua vida, conduta e ação.

A terceira grande palavra grega a respeito da mente é Sunesis. Sunesis significa literalmente unir, uma união, uma reunião; e seria verdade dizer que Sunesis é a faculdade de tirar conclusões. A essência de Sunesis é a de poder, entre vários modos de ação, entre vários relacionamentos, entre pessoas, distinguir, avaliar, criticar, fazer julgamentos para unir os elementos na ordem coerente e necessária.

Assim, nós, maçons para hoje temos que ter a mente equipada com as três palavras gregas, para imitarmos Jesus, no nosso comportamento diário, isto é;

1 - SOPHIA, sabedoria para compreender as coisas ulteriores e as infinitas.

2 - PHRONESIS, prudência para tratar dos problemas práticos da vida e da vivência diária.

3 - SUNESIS, união para escolher o alvo e o modo certo de ação em qualquer situação real para unir sempre o povo de Deus.

Nós, maçons para hoje, equipados devemos apresentar estas facetas. Há a sabedoria (Sophia), que vê as verdades ulteriores do G.:A.:D.:U.: em Jesus Cristo e no poder do Espírito Santo - Trindade.

Há a sabedoria prática (Phronesis) prudência que vê o que deve ser feito em determinada situação no dia de sua vida.

Há a sabedoria Sunesis (união) que é a sabedoria do discernimento, crítica construtiva, que aquilata, avalia toda a ação que se manifesta, fazendo uma avaliação rápida para que haja união, paz entre o povo, principalmente entre o povo de Deus, ou seja, os escolhidos - iniciados.

Quando manuseamos o livro Sagrado, ficamos com os nossos corações a vibrar com temor e tremor, pois ele nos traz passagens que apresentam dois tipos de Obreiros, os negativos ou dependentes e os usados por Deus - os iniciados.

Vejamos como a Palavra de Deus descreve os negativos, o que poderíamos dizer que não podem ser considerados maçons para hoje:

São os que têm sentimentos egoístas, apascentam-se a si mesmos e não o rebanho. "Não devem os pastores apascentar as ovelhas?" (Ezequiel 34:2). E, ainda, os que não podem ser considerados maçons para hoje são

considerados covardes, ou seja:

Diante dos perigos que ameaçam o rebanho ou qualquer ovelha do rebanho, fogem deixando-as, um e outro, à mercê do lobo. O que é mercenário e não pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê o lobo, abandona as ovelhas e foge, e o lobo as arrebatou e dispersa. O mercenário foge porque é mercenário e não se importa com as ovelhas. (João 10:12-13).

Os que não podem ser considerados maçons para hoje são os oportunistas e aqueles que desistiram por falta de forças livres: "os que não têm força, não podem guardar o rebanho" (Lucas 10:11) e estes são os que se permitem ser enganados - todos eles aplicáveis para o caminho, seja um para sua ignorância.

Os que não podem ser considerados maçons para hoje são os subvertidos, porque não consultam ao G.:A.:D.:U., com o consideram em seus escritos: "por isso não prospera, e todos os seus rebanhos se estão dispersos". (Jeremias 10:21)

E, finalmente, os que podem ser considerados maçons para hoje são os não sutis que sempre se escondem sob um aspecto de fingida piedade: "Guardai-vos dos falsos profetas, que vem a vós com vestes de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes". (Mateus 7:15), e, ainda, o profeta Paulo asseverava

"Eu sei que depois de minha partida virão lobos ferozes que não pouparão o rebanho, e que dentre vós mesmos surgirão homens falando coisas perversas para atrair os discípulos após si". (Atos 20:29-30).

Para esses pseudo-maçons o Livro da Lei apresenta os mais severos castigos:

Em primeiro lugar, o próprio Senhor virá em pessoa e arrebatará das mãos mercenárias as suas legítimas ovelhas (Ezequiel 34:10 e Zacarias 11:17). Notai que o miserável estado desse infiel com o braço decepado ou mirrado e o olho direito vazando ou escurecido, serão os distintivos da sua falsidade. E, mais, a sua obra não prospera, porque lhe falta a destra do serviço; e a sua direção fracassa, porque não há lume no seu olho direito.

Nós, maçons para hoje, temos que conhecer e reconhecer os nossos irmãos. O seu nome, os seus hábitos, as suas necessidades e as suas aflições - "Eu, disse Jesus, sou o Bom Pastor, conheço as minhas ovelhas e as que são minhas conhecem-me" (João 10:14).

Nós, maçons para hoje, temos que ser corajosos, por amor dos nossos princípios de - Lealdade, Igualdade e Fraternidade, isto é, não fugir do lobo que ameaça o rebanho e não ficar assustados ao rugir do leão, assim como não devemos ser um leão diante do fraco e um cordeiro diante do forte, quando investe faminto sobre as pessoas indefesas.

Nós, maçons para hoje, temos que chamar as pessoas e guiá-las a lugares verdejantes e por águas tranquilas.

Duas varas estão nas mãos dos maçons: uma se chama formosura e a outra se chama união, devemos usá-las com inteligência e ciência, segundo ditar o nosso coração.

Não é pela falta de bondade, porque mais suspira a humanidade? Principalmente nestes aziagos dias de batidas, pelo vendaval de doutrinas frívolas - tentações do século - opressões da presente ordem social? Se houve um tempo quando se fizesse mister o aparecimento de verdadeiros maçons, segundo os ditames do G.:A.:D.:U.: para proteção e doutrinação dos fracos e oprimidos ESSE TEMPO É O DE HOJE.

Tentamos apresentar em síntese o alvo da elevada carreira de nós, maçons para hoje; mostrando também alguns perigos que nos rodeiam. Mas queremos deixar uma palavra de ânimo.

Ela estava sentada junto à lareira, o lugar principal daquela tão espaçosa quanto suntuosa mansão. Podia-se notar facilmente serem muitas as horas perdidas pelas suas vistas ainda dotadas de perfeita acuidade apesar dos dislates óculis que incidiam sobre seu bem feito e proecto nariz.

Um ar de mistério pairava ao redor de si. Não que pretendesse fazer-se diferente ou arredia. Sua própria postura, um misto de altivez e humildade aliada às cãs bem tratadas a correr onduladas por sua quase encoberta testa, faces e pescoço, criava por si só aquela aureóla de dignidade e respeito.

Inexistia quem não lhe quisesse dirigir a palavra. Alguns, porém, seja por medo, por vergonha ou simplesmente por não pretender afluência sua própria ignorância, mantinham-se a respeitável distância. Não podiam fugir, entretanto, daquele aguçado, meigo, firme e inquiridor mas não intimidativo olhar. Olhar que existe por si mesmo, uma espécie de raio laser a trespassar as mais espessas carcaças, devastador na aparência mas absolutamente discreto nas conclusões. Era como se ela pudesse ler a alma e o pensamento de cada um, triste por ter que permanecer distante de muitos mas alegre por saber que podia contar com a sinceridade de pelo menos alguns de seus interlocutores.

Alguma coisa, contudo, perturbava o ambiente. Sentia-se no ar. Ela mesma, na discreta negritude de suas vestes, deixava assim transparecer, ainda que sempre suave ao responder às mais variadas indagações, replicando com leve sorriso às meias insinuações ou simples cretinices. Era palpável que boa parte dos aparentes respeitadores da sapiência daquela dama indescritível queria apenas, no seu mesquinho objetivo, denotar status com sua ligação à boa e incompreendida senhora.

Um dos circunstantes, no entanto, almejava só uma pequena oportunidade de dela acercar-se e deixar patente sua admiração. Faltava-lhe coragem, porém. Os bajuladores, políticos ocasionais, graduados espiritualistas mentalmente falidos, materialistas acobertados, toda essa gama de errantes humanos impedia a aproximação. Ela, porém, sentiu o drama a envolver o coração tímido mas não pusilânime daquele ser calado e por isso mesmo mais mediativo do que a maioria.

Sendo essa mulher tão pródiga no saber, tão iluminada a projetar irresponsíveis imagens, distantes de fés forçadas nas mentes isoladas de assim chamados profetas, deveria ela, ruína de um

seus botões e procriação observador, dar novos atunção a insípidos postulantes do poder pessoal, físico ou moralmente valioso, e direcionar suas forças para uma concentração de discretas mas arduas metas. Ninguém é poderoso porque assim se intitula, continuava a meditar. O poder não é senão a projeção material da acumulação invisível de energia concentrada no centro gerador.

Disparando no pensamento de seu silêncio interior, com ele concordava e até parecia sentir o mesmo tempo de abalo e angústia a frivolidades e capotado a ingratidão de aquela ingratidão a sua insatisfeita.

Por essa ou outra qualquer razão, de dentro do incipiente filósofo passaram a surgir imagens simbólicas numa tentativa, parecia-lhe, de responder o que seu interior indagava. Voltou-se desse simbolismo, seu "eu" interno pressionou:

- Se um navio de excelente qualidade deve cumprir determinada missão, que tipo de tripulação você lhe daria?

- A melhor, respondeu prontamente. Como se pode pretender de forma diferente?

- Entretanto, continuou o "eu", se faltar esse tipo de tripulação e você puder contar simplesmente com alguns não excelentes mas apenas bons e os restantes sofríveis, qual a sua decisão: deixa o navio ancorado e, talvez, apodrecendo, ou se faz ao largo mesmo em condições não ideais?

Boa pergunta, concordou de si para si. E, após alguma hesitação, se fez ouvir sem falar, levantando a sombrancelha direita e ajustando os óculos no nariz:

- Nessas condições, é claro, há que se preferir que o barco siga o seu destino. De nada valerá extraordinário casco, ricamente equipado, inerte no porto a exigir das águas hercúleo esforço para simplesmente mantê-lo à tona. Aliás, parece-me ser lei natural que ninguém nem mesmo o elemento água, se disponha a laborar sem a necessária reciprocidade. Com o tempo esse navio, por melhor que possa ser, acabará afundando em razão da própria atuação do mar. Cansado de sustentar a inoperância, evidente que usará da sua própria força para jogá-lo ao fundo do oceano e assim deixar livre o caminho para quem quiser desfrutar da potência marinha.

- Aí está, atalhou rapidamente o "eu". Se o navio não pode ser manobrado apenas por uns poucos e insuficientes competentes oficiais, dos males o menor: que se faça ao largo com a maioria catrábica, com os falsos líderes e com os indolentes pensadores. A viagem será mais longa e cansativa, claro. A bússola e o sextante não terão a mesma eficácia de quando manejados por mãos hábeis. A nave acabará dando voltas em torno de si qual cachorro tentando morder o rabo. Porém, chegará a seu destino. Penosa e lentamente, mas chegará.

- Realmente, concluiu o possível futuro campeão de permanência estática sobre os pés. E imediatamente lhe veio à mente, outra vez, a imagem daquela dama de negro. Olhou para o lugar onde se

encontrava e não mais a viu. Inquietou-se. A reunião terminara sem que ele dissesse nada. Durante seu habitual devaneio ela fora embora. Preparando-se para ele brilhar a noite, adaptou sobre si o mesmo pensamento cogitava da possibilidade de ser aquela insubstituível figura a dona do navio com a adequada tripulação. E, continuou pensando enquanto fechava, constringido o paletó, passava as mãos pelos cabelos e ajeitava o nó da gravata. Acho que é isso. Essa mulher deve ter em sua alma a coisa grandiosa que procura. É típica de um certo círculo de conhecimentos a fim de que possa, talvez, procurar a chave de ouro segura em missões verdadeiras e importantes.

- Fantástico, concordou consigo mesmo. Não tenho dúvidas de que esse é o objetivo daquela senhora, para que tenha ido com que a possa conhecer melhor, por isso a sua saída. Mas não sabe o que lhe aconteceu outro dia, porém. Mas (e levou a mão ao queixo numa repreensão doméstica) nem sequer seu nome sei ou de onde veio ela.

Nesse exato momento sentiu ao seu lado um sutil e repousante, além de edificante, fluxo energético. A atmosfera para si tornou-se leve e abrangente, havia alguém à sua volta, que com absoluta segurança, estava ali.

Deparou-se, então, com a já familiar fisionomia dela. Inclinou-se para cumprimentá-la e perguntar-lhe o nome num misto de alegria, surpresa e estupefação. Não conseguiu. Como que lendo seu pensamento, a dama estendeu-lhe a mão enfiada numa alva luva branca e com a postura digna de quem tem a majestade como qualidade inerente, encerrou o inexistente colóquio, despedindo-se:

- Pode me chamar de Maçonaria. Estou onde o cósmico está!

PÉROLAS DE SABEDORIA

" É pela compreensão que o homem aprende a conhecer a si próprio e ao Universo: que ele descobre os limites de seu próprio saber e que ele apresenta, ao lado dos fenômenos acessíveis à observação, a realidade absoluta donde tudo provém.

Não podeis ver senão através dos raios fracos que se escapam deste fogo eterno. Entretanto, procurai ver do outro lado, - é a lei da vossa natureza. Se não podeis alcançar a essência da razão impessoal, observareis, entretanto, que o Universo se rege por alguma coisa que corresponde ao que nós incluímos nos termos da razão e do amor"